

# Úrsula: um destaque aos excluídos pelo projeto nacionalista romântico

Adriana Barbosa de Oliveira

## Resumo:

Neste ensaio, interessa-me analisar em que medida o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, diferencia-se da produção literária de seu tempo no que se refere ao ideal nacionalista de uma literatura comprometida com a construção da idéia de nação.

Palavras chave: Maria Firmina, literatura, nacionalismo, Romantismo

Francisco Sotero dos Reis, em seu *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, deixa entrever suas concepções a respeito da literatura. Para o crítico maranhense, o sentido da existência dessa não é apenas proporcionar ao leitor a apreciação do belo, mas também desempenhar um papel social de comunicação, orientando e instruindo o leitor. Para ele, "o fim da literatura é *instruir deleitando*, ou tornar, por um trabalho tão proveitoso como agradável o homem melhor... pondo-lhe constantemente diante dos olhos o protótipo do belo, do grandioso, do sublime, *do justo, do honesto*" (REIS, 1866, p.4; grifos meus).

Temos aí uma literatura voltada não somente para a fruição, mas também uma literatura que se quer útil. O que, para Nicolau Sevckenko, em *Literatura como Missão*, é um traço marcante da época, pois os intelectuais estavam empenhados em pregar as grandes reformas – abolição, república e democracia, e "o engajamento se torna a condição ética do homem de letras" (SEVCENKO, 1983, p. 79).

No entanto, vale lembrar que o empenho da maioria desses intelectuais, quando defendiam mudanças na sociedade tais como a abolição, se devia muito mais ao interesse em formar aqui uma nação forte e próspera que a uma preocupação em melhorar as condições de vida de grupos de indivíduos, como o de negros, por exemplo.

No Maranhão, como em outras partes do Brasil, há um grande interesse em contribuir para o fortalecimento político e econômico do País. Assim, quando os intelectuais se contrapõem à escravidão, na realidade, a preocupação da maioria deles está centrada nos benefícios que acreditam que o fim dela trará ao Brasil.

Ao lermos a primeira parte do artigo "A escravatura no Brasil", de V. de Carvalho, publicado no jornal maranhense *Eco da Juventude*, em 1865, que apresenta como objetivo demonstrar que a escravidão não tem fundamento legal, moral nem religioso, temos a impressão de que a finalidade dele é condenar a escravidão por ser ela uma desumanidade. No entanto, logo nos damos conta de que, ao contrário do

narrador de Firmina, o principal interesse do autor é provar que a escravidão não se constitui em algo positivo para o País, fato que revela que seu interesse nacionalista se sobrepõe à preocupação com o escravo.

A segunda parte de seu texto começa com uma exaltação ao Brasil e uma declaração de que a escravidão é um entrave para o progresso. Logo, ele deseja que ela seja extinta e que suas marcas sejam apagadas de nossa história, não porque a lembrança dela o faria sofrer, mas porque, assim, a futura nação teria uma imagem imaculada.

Segundo o autor, a extinção da escravidão seria benéfica, à medida que engrandeceria o estado moral, religioso e econômico do Brasil. Porém, em sua opinião, não era a escravidão em si que afetava tais aspectos, mas suas conseqüências, pois o moral e o religioso seriam afetados pelas péssimas influências que as famílias da aristocracia sofreriam por estar em contato com os escravos. O autor ressalta, principalmente, o perigo a que tais famílias estariam expostas deixando seus filhos aos cuidados de uma escrava – o que demonstra sua preocupação não com o negro escravizado, mas com estas famílias que, segundo ele, eram corrompidas pela presença do escravo. Quanto ao econômico, ele argumenta que a agricultura a cargo de homens livres se desenvolveria muito mais e, assim, traria mais prosperidade.

Carvalho está interessado em trazer o progresso para o Brasil, equiparando-o, desse modo, às nações desenvolvidas. Ao contrário da postura presente em *Úrsula*, que defende o fim da escravidão por ser ela um ato de crueldade, uma desumanidade, Carvalho prega seu fim por acreditar que tal instituição era nociva ao desenvolvimento do País, uma vez que prejudicava as famílias aristocráticas, a economia e a imagem do Brasil.

Antonio Candido, na introdução de *Formação da literatura brasileira* (1969), também afirma que o engajamento é uma característica de nossa literatura. Segundo ele, nossos escritores, a princípio, estavam preocupados em provar sua capacidade frente aos europeus e, após a Independência, se empenharam na construção da nação. Conseqüentemente, houve um empenho consciente em diferenciar a nossa literatura da portuguesa. A literatura, então, transforma-se em parte importante do projeto nacionalista brasileiro, visto que participa da construção da nação e, ao mesmo tempo, testemunha tal construção, ao encarregar-se da tarefa de interpretar o Brasil.

Candido afirma, ainda, que essa idéia de literatura empenhada estava presente em toda a nossa crítica tradicional, desde Ferdinand Denis e Almeida Garret (CANDIDO, 1969, p. 28). Assim sendo, o nacionalismo literário se constitui em um interesse não apenas de nossos escritores, mas também de críticos e historiadores. E, devido à preocupação com a formação de uma literatura nacional que se diferenciasse da portuguesa, justificando sua classificação como brasileira e não mais como um apêndice ou continuidade da portuguesa, a crítica passa a exigir de nossos escritores uma adesão a esse projeto.

O nacionalismo torna-se, então, um dos principais problemas da historiografia e da crítica literárias, constituindo-se em um critério importante para o julgamento e a seleção de autores e obras. Com isso, a crítica nacionalista, em uma primeira fase, vai exigir do escritor que trate de temas relacionados ao Brasil e, posteriormente, que se 'mostre brasileiro', mesmo que esteja tratando de temas universais. Essa teoria é defendida por Machado de Assis no conhecido artigo "Instinto de nacionalidade".

Assim, o nacionalismo se configurou em um critério de valor e as produções literárias que não estivessem de acordo com esse projeto tenderiam a ser desconsideradas pela crítica ou tidas como algo menor. A esse respeito, Flora Süssekind, em *O Brasil não é longe daqui*, vai afirmar o seguinte:

E se os traços distintivos de tal singularidade literária são a descrição da natureza tropical, a seleção de heróis particularmente marcados por sinais de honradez e brasilidade, a *reafirmação de uma unidade nacional*, qualquer obra passada ou contemporânea que escapasse, em maior ou menor medida, a tal delimitação teleológica, seria excluída, sem maiores pesares, da cadeia quase familiar de filiações a uma 'origem solene' recém-fabricada (SÜSSEKIND, 1990, p. 17; grifos meus)

Portanto, nota-se um esforço por parte de nossos escritores românticos no sentido de produzir uma imagem do Brasil una e coesa; tal empenho tem o objetivo de forjar uma identidade nacional. Esse processo resulta no apagamento das diferenças, pois para que ele se efetue, conflitos de toda sorte, sobretudo étnico-raciais, são apaziguados e o Brasil é apresentado como uma comunidade harmônica. Em função desse desejo de unidade, as diferenças (não apenas as étnicas) tendem a ser ignoradas pelos escritores desse período e a maioria deles pode ser caracterizada como um observador ameno de costumes, quadros históricos e paisagens que se quer bem pouco problemáticos.

Entretanto, apesar de todo o esforço para criar uma imagem totalitária da nação, já se nota, nas descrições e nos diários de viagens do século XIX, a presença de alguns elementos que são difíceis de ser contornados. Pode-se citar, dentre estes, os momentos em que surgem, diante do olhar do naturalista ou comerciante estrangeiro preocupado em registrar de forma amena a exuberante natureza de nosso país, cenas violentas típicas da prática escravista. Essas imagens se tornavam perturbadoras para esses viajantes porque entravam em choque com as imagens unificadoras que eles tinham do Brasil, caracterizado exclusivamente por sua natureza exuberante.

A tendência nacionalista da literatura não ocorre somente no Brasil. Também em outras regiões da América Latina, segundo Doris Sommer, no livro *Ficções de fundação*, os romances sentimentais costumavam despertar sentimentos de nacionalismo. Isso se daria devido a uma relação estreita entre tais romances e nossa história patriótica, à medida que eles, de uma maneira geral, têm como protagonistas amantes que representam diferentes regiões, raças, partidos, interesses econômicos e outros e enfrentam algum tipo de obstáculo para ficarem juntos. O desejo é reforçado pelo confronto do obstáculo, gerando a necessidade de vencê-lo e consolidar a nação, pois os amantes desejam um Estado no qual sua união seja possível. Assim, a paixão dos amantes pela união conjugal e sexual teria como objetivo conquistar os corações de leitores sentimentais, mas também suas mentes partidárias. Descobre-se, então, nesse projeto, uma tentativa de superar, por intermédio do amor, as divisões existentes.

A estudiosa analisa o papel dos romances sentimentais na América Latina, principalmente os do século XIX, na construção das modernas comunidades nacionais, tendo como objetivo principal demonstrar que não se pode estabelecer uma demarcação clara entre política e ficção na história da construção dessas nações.

Sommer usa como *corpus*, textos de vários países e, no caso do Brasil, trabalha com *Iracema* e *O guarani* de José de Alencar. Mas, se considerarmos a obra dos

demais escritores brasileiros contemporâneos de Maria Firmina dos Reis, notaremos que eles também pareciam considerar a ação literária como parte da campanha pela construção da nação e estavam realmente empenhados nesse projeto. Os dois romances de Alencar analisados por Doris Sommer são um bom exemplo disso, uma vez que representam, de forma mítica, o nascimento da nação brasileira.

O segundo objetivo de *Ficções de fundação*, apontado por sua autora é:

localizar o erotismo da política, mostrar como uma série de ideais nacionais no romance está ostensivamente embasada no amor heterossexual 'natural' e nos casamentos que oferecem uma figura para a consolidação aparentemente não violenta durante os conflitos mortais da metade do século. A paixão romântica, de acordo com [sua] leitura, forneceu uma retórica para os projetos hegemônicos, no sentido Gramsciano de conquistar o adversário através do interesse mútuo, ou do 'amor', ao invés de coerção (SOMMER, 2004, p. 20-21).

Assim, nas narrativas latino-americanas, a metáfora do casamento se tornaria sutilmente uma metonímia da consolidação nacional, ao "superar" diferenças de diversos tipos. E esses romances românticos funcionariam como uma alegoria nacional,<sup>1</sup> ao estabelecer uma relação retórica entre paixão heterossexual e estados hegemônicos.

Contudo, tanto em *Iracema* como em *O guarani*, dá-se uma mediação amorosa entre branco e índio em que o último se submete ao primeiro, estabelecendo uma relação na qual, aparentemente, não há conflitos. No entanto, essa "superação" não está livre de conflitos (raciais, regionais, partidários), como pode parecer, pois o que de fato ocorre é uma minimização desses, via mediação amorosa.

Percebe-se que os romances de fundação de Alencar elegem o branco e o índio para representarem poeticamente as origens da nação brasileira, deixando de fora o negro que, como se sabe, também teve uma participação efetiva na construção desta nação.

Quanto ao romance *Úrsula*, trata-se de uma trágica história de amor entre dois jovens: a pura Úrsula e o nobre bacharel Tancredo, aparentemente, é uma clássica história de amor impossível, como muitas de seu tempo. Em sua primeira edição, recebeu o subtítulo *romance original brasileiro*, adjetivação comum nos primeiros momentos da novelística brasileira. Flora Süssekind, a respeito de alguns textos da prosa de ficção brasileira da primeira metade do século XIX,<sup>2</sup> comenta que "o subtítulo já indicaria a preocupação com uma 'cartografia nacional' e a necessidade de afirmar, antes mesmo que se começasse a leitura, tratar-se de material a serviço da afirmação de uma literatura *brasileira*" (1990, p. 209).

José Nascimento Moraes Filho também já havia afirmado, em *Maria Firmina, fragmentos de uma vida* (1977), que tal fato representa uma atitude política calcada no nacionalismo. No entanto, ao lermos o romance, logo nos damos conta que esse não é seu foco narrativo, sobretudo devido ao tratamento dado aos personagens negros, às mulheres e à escravidão.

A narrativa inicia-se com a repetição de uma estratégia também utilizada por outros autores da época – a descrição de um cenário exuberante. A princípio, o narrador demonstra a preocupação em valorizar a chamada *cor local*, pois descreve paisagens e menciona elementos típicos da fauna e da flora da região, como a

carnebeira, o axixá, o notibó e o acauã. Entretanto, tal estratégia parece ter apenas o objetivo de prender a atenção do leitor acostumado a ela, pois, à medida que a narrativa avança, ela vai sendo colocada em segundo plano.

O romance é estruturado segundo os moldes folhetinescos românticos, possuindo outros elementos próprios da estética romântica, como a linearidade; a donzela angelical disputada pelo mocinho e pelo vilão; a presença de elementos góticos, como cenários sombrios e tenebrosos; a paixão incestuosa de Fernando P... por Úrsula; o assassinato do herói à porta da igreja após o casamento; o amor eterno; a loucura e o remorso.

Essa imitação dos padrões europeus era um fato comum, e também as raras escritoras mulheres e os negros, mesmo se opondo à ideologia dominante, se apropriam de elementos que pertencem ao código literário da época, pois escrevem para a mesma elite branca, usando sua literatura como modelo e, ao mesmo tempo, entrando no sistema como um elemento subversivo, à medida que, por meio de uma identificação do leitor com a obra, parece haver a intenção de desestabilizar a ordem estabelecida, ao fazer com que esse leitor pertencente às camadas senhoriais mude suas concepções e posturas com relação ao negro e à mulher.

Além de contar uma história que possa proporcionar momentos de fruição, há também a intenção de interferir no modo de pensar e agir do leitor, fazendo-o refletir sobre seu posicionamento diante da vida. Nesse aspecto pode-se estabelecer uma relação entre Firmina dos Reis e Sotero dos Reis, visto que, assim como o crítico, ela parece pensar que o fim da literatura é "instruir deleitando".

Mas essa visão utilitarista da literatura, como já ficou dito, era comum na época. Porém, o projeto romântico, no qual os escritores contemporâneos de Maria Firmina estavam empenhados, segundo Candido (1996), é fundar a idéia de nação, construindo por meio de suas narrativas um ser nacional. Entretanto, *Úrsula*, apesar de ter sido escrito nesse período de nacionalismo exacerbado, vai destoar da literatura produzida na época em muitos aspectos, não obstante a imitação dos padrões hegemônicos, pois o foco narrativo está comprometido com o ser mulher e o ser negro, então excluídos da comunidade nacional.

Renato Cordeiro Gomes inicia seu artigo "Isaura, a escrava excepcional", chamando a atenção para o fato de a História Literária Brasileira tender a "estudar e classificar autores e obras por aquilo que têm de semelhante". Sendo assim, os textos que não se encaixarem nesse paradigma serão apresentados "ligeiramente" ou silenciados. E conclui: "não há quase lugar para a alteridade que não responda às exigências do modelo" (1988, p. 131).

A narrativa de Maria Firmina dos Reis responde a essas exigências no que se refere à estrutura do texto.<sup>3</sup> Mas, apesar da presença de um subtítulo que demonstra desejo de pertencer à literatura da nova nação, não as responde no que diz respeito ao projeto nacionalista, pois este projeto "se dimensionou na busca de identidade, através da descrição de lugares, cenas, fatos, costumes e tipos do Brasil, captados pela observação" (GOMES, 1988, p. 131), numa tentativa de criar uma unidade. Já em *Úrsula*, apesar de também haver descrições de cenários brasileiros, há cenas da África, da travessia de escravos e, também, cenas de um Brasil que não deveria ser mostrado, uma vez que rompem com a suposta unidade e fragmentam a identidade nacional.

Em *Úrsula*, ao contrário da representação de relações inter-raciais aparentemente harmônicas, concretizadas por meio de mediações amorosas, presentes em textos como *O guarani* e *Iracema*, há uma recusa a tais mediações entre negros e brancos. Talvez porque sua autora não aceitasse a situação de subalternidade em que africanos e seus descendentes eram colocados nessas relações e rejeitasse o argumento que naquela época já começava a ser utilizado para defender tais uniões – o fato de estas visarem o “branqueamento” da população.

Tal idéia a respeito da miscigenação entre brancos e negros vai se fortalecer após a abolição. “Utopicamente se pensava que a massa indiferenciada de negros, herdada da escravidão, iria desaparecendo à medida que seus descendentes se integrassem ao modelo de sociedade democrática, livre e branca, aceito sem grandes conflitos. (FONSECA, 2000, p. 93). Desse modo, o termo “branqueamento” não diz respeito apenas ao processo de clareamento da pele dos afro-brasileiros devido à mescla com o sangue do europeu, mas também à mudança de comportamento dessa população, ao adotar o padrão de conduta do branco.

#### Notas:

<sup>1</sup> A autora esclarece que usa o termo alegoria para “descrever de que maneira um discurso, de modo consciente, representa o outro e leva a uma leitura dupla dos acontecimentos”, de modo a criar uma “relação metonímica entre amor romântico, que precisa das bênçãos do Estado, e legitimidade política, que precisa ser fundada no amor” (P. 59; 60).

<sup>2</sup> Os textos são *Luísa: legenda brasileira*, *Os três desejos: costumes brasileiros* e *O corsário: romance original brasileiro*.

<sup>3</sup> Segundo Maria Cecília Boechat, a estrutura tipicamente romântica se caracteriza por “uma situação harmônica [que] desestabiliza-se, compondo-se uma narrativa desilusória, para então empreender um segundo movimento, de re-harmonização, recompondo-se como narrativa de ilusões (ainda que melancolicamente refeita pelas utopias do amor idealizado e da morte)” (BOECHAT, 2003, p. 131).

#### Abstract:

In this essay, I'm interested in analyzing how *Ursula*, a novel by Maria Firmina dos Reis, differs from the literary production of her time in relation to the nationalist ideal of literature committed with the construction of the idea of nation.

Keywords: Maria Firmina dos Reis, literature, nationalism Romanticism.

#### Referências

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Instinto de nacionalidade. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Livro do Mês, 1962. v. 29, p. 129-148.

BOECHAT, Maria Cecília. *Paraísos artificiais: o romantismo de José de Alencar e sua recepção crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 3 ed. São Paulo: Martins, 1969, 2 vol.

CARVALHO, V. de. A escravatura no Brasil. In:---. *Eco da juventude (1864-1865)*. Edição Fac-similar. São Luís: SECMA, 1987, p. 14-16; 41-43.

GOMES, Renato Cordeiro. Isaura a escrava excepcional. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, v. 49, n.1/4, jan. -dez. 1988, P. 131-139.

MORAES FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luís: COCSN, 1975.

REIS, Francisco Sotero dos. *Curso de literatura portuguesa e brasileira*. São Luis: Tip. de B. de Mattos, 1866. v. 1.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Trad. Gláucia Renate Gonçalves; Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.